

**TREZENTOS E TRINTA E TRÊS DIAS:
A ESCRITA PÓS-COLONIAL DE ODETE SEMEDO EM *NO FUNDO DO CANTO*¹**

Ailton Leal Pereira²

RESUMO

O presente estudo intenciona analisar o evento sociopolítico conhecido como a guerra dos trezentos e trinta e três dias, ocorrido em Guiné-Bissau pós-independência, a partir do olhar de Odete Semedo, uma das maiores expoentes da literatura feminina bissauguineense da atualidade, no seu livro *No fundo do canto*, de 2007. Recorrer-se-á à poética semediana e aos estudos das literaturas pós-coloniais, objetivando compreender os contextos que contribuíram para aquele evento e as estratégias de luta e resistências empreendidas pela população local para romper com aquela realidade. Evidenciar a potência da literatura feminina guineense a partir dos poemas semedianos tem sido um dos dispositivos que leitoras/es, estudiosas/os e pesquisadoras/es possuem para denunciar as táticas de silenciamento e negação das identidades socioculturais impostas pelos colonizadores aos povos africanos.

Palavras-chave: Guiné-Bissau - História - Guerra Civil, 1998-1999. Guiné-Bissau - História - Movimentos de autonomia e independência. No fundo do canto - Crítica e interpretação. Semedo, Odete Costa, 1959- - Crítica e interpretação.

ABSTRACT

This study aims to analyze the sociopolitical event known as the war of three hundred and thirty-three days, which occurred in post-independence Guinea-Bissau, through the eyes of Odete Semedo, one of the greatest exponents of Bissau-Guinean women's literature today, in her book *No fundo do canto*, 2007. Semedo's poetics and post-colonial literary studies will be used to understand the contexts that contributed to that event and the strategies of struggle and resistance undertaken by the local population to break with that reality. Evidencing the power of Guinean female literature from Semedo's poems has been one of the devices that readers, scholars and researchers have to denounce the silencing and denial tactics of sociocultural identities imposed by the colonizers on African people.

Keywords: Guinea-Bissau - History - Autonomy and independence movements. Guinea-Bissau - History - Civil War, 1998-1999. No fundo do canto - Criticism and interpretation. Semedo, Odete Costa, 1959- - Criticism and interpretation.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Aurinívea Sousa de Assis.

² Estudante do curso da Especialização Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, da Unilab.

1 INTRODUÇÃO

Tendo em conta a expansão nos últimos anos da literatura africana, em especial da literatura bissau-guineense, tem-se percebido várias/os pesquisadoras/es e estudiosas/os dedicando-se aos estudos da poesia semediana, nomeadamente nos seus versos de *No fundo do canto* (2007). Nesta obra literária, a Odete Semedo evidencia entre outros aspectos, os processos de negação e apagamento das identidades, além do caos produzido pelo colonialismo pós-independência à população local.

O presente estudo intenciona analisar o evento sociopolítico conhecido como a guerra dos trezentos e trinta e três dias, ocorrido em Guiné- Bissau pós-independência, a partir do olhar de Odete Semedo, uma das maiores expoentes da literatura feminina bissau-guineense da atualidade, no seu livro *No fundo do canto*, de 2007. Para tanto, recorrer-se-á à poética semediana e aos estudos das literaturas pós-coloniais, objetivando compreender os contextos que contribuíram para aquele evento e as estratégias de luta e resistências empreendidas pela população local para romper com aquela realidade.

Se nos interessa as análises em torno daquele evento sociopolítico em Bissau pós-independência, nos interessa mencionar alguns estudos que se dedicaram a analisar *No fundo do canto*. Um dos primeiros trabalhos que tivemos acesso, foram os estudos encetados por Luís Carlos Alves de Melo (2019). Em seu trabalho intitulado "Entre versos de rima e dor: memória e resistência em *No fundo do canto*, de Odete Semedo", o estudioso se interessou em examinar como a poesia de autoria feminina bissau-guineense interpretou a ocorrência dos conflitos pós-independência, e como aqueles acontecimentos contribuíram para o fortalecimento das resistências e formação identitária da população local.

Outra estudiosa de *No fundo do canto* tem sido Monaliza Rios Silva (2010). Ali, a autora busca evidenciar, a partir da poética semediana, o tempo-espço dos contextos sociohistóricos, político e cultural. Enquanto Ianes Augusto Cá (2016) focalizou a partir da análise de dois poemas da mesma obra o eu-lírico que, nas palavras do estudioso, voltou-se aos aspectos da violência presentes ao longo do processo de independência como uma das ferramentas pela busca do sentimento de patriotismo e de enfrentamento aos problemas e desafios que estavam colocados.

Se, nos estudos de Cá (2016), as análises se voltaram a perceber nos versos dos poemas as violências produzidas no pós-independência, vimos, no entanto, os estudos de Melo (2019), discutir os conflitos como instrumento de fortalecimento das identidades e resistências dos autóctones. Enquanto o interesse de Silva (2010), voltou-se para as análises do tempo-espço

dos contextos históricos, político e cultural apresentados na obra em estudo. Este artigo, no entanto, reitera-se, interessa-se em analisar o evento sociopolítico conhecido como a guerra dos trezentos e trinta e três dias, ocorrido em Guiné- Bissau pós-independência, objetivando refletir sobre os contextos que contribuíram para aquele evento e as estratégias de luta e resistências empreendidas pela população local para romper com aquele cenário.

Desse modo, recorrer-se ao que Laurence Bardin (1997) vai chamar de as regras da representatividade e da pertinência por entendermos que esta tarefa se faz necessária aos procedimentos que nos ajudarão a selecionar e analisar os textos que dizem respeito à abordagem para a constituição do *corpus* do presente trabalho. Assim sendo, os pressupostos metodológicos da presente pesquisa, perpassará pela seleção, leitura e fichamento dos textos, objetivando a análise e interpretação do vaticínio poético em *No fundo do canto*, sobre o que foi o conflito armado de 1998-1999 no país africano recém independente.

Recorrer-se a Moema Parente Augel (2007), quando nos diz que a mensageira bissauguineense toma aquela obra literária como instrumento agenciador para que os acontecimentos sociopolíticos daquele final de década não caíssem no esquecimento da população. Do que se lê nos versos semedianos, percebe-se a voz poética ironizando “a situação de atraso do país, cuja classe dirigente não tem sido capaz de incorporar as realizações ou conquistas do progresso ocidental”, como apontado por Ana Maria Carneiro Diniz (2021, p. 114) em sua tese *No fundo do canto: Identidades bissau-guineenses em Odete Semedo*, defendida pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

Quer dizer, a voz da intelectual orgânica “[...] são marcadas pela crítica à forma como aqueles [grifo nosso], dirigentes mostravam-se indiferentes [...] as políticas de colonização locais, [...] visando favorecer apenas uma pontual parcela da sociedade [...]”, como sinalizado por Diniz (2021), ao analisar a partir da linguagem poética de *No fundo do canto* a representação das identidades nacionais em Guiné, e cujas considerações nos permitem refletir o fazer intelectual de Semedo, quando mobiliza uma voz poética interessada, em atuar como um *tcholonadur*, denunciando “a articulação entre o colonial e o anticolonial, utilizada na produção dos seus discursos com o objetivo de justificar as ações incoerentes realizadas por um poder autoritário” (DINIZ, 2021, p. 113).

São estes contextos, que vão sendo poetizados e narrados ao longo dos poemas da obra literária em estudo. Significa dizer, entretanto, que a escritora guineense, como uma personagem que vivenciou os traumas e os horrores d aquele conflito, narra uma história que continua sendo tecida por si e por seu povo.

2 LITERATURA E GUINÉ-BISSAU PÓS-INDEPENDÊNCIA

Com cerca de um milhão e seiscentos mil habitantes, trinta e seis mil quilômetros quadrados de extensão territorial à costa ocidental do continente africano, banhada pelo Oceano Atlântico, limitando-se com os vizinhos Senegal ao norte e a leste e ao sul com a República da Guiné-Conacri, antiga colônia francesa. Guiné-Bissau foi a primeira colônia portuguesa a conquistar a independência político territorial no ano de 1973, reconhecida um ano mais tarde pelos invasores.

Recorrer-se, ainda que de maneira breve, há alguns elementos socio-históricos para compreendermos o pós-independência e o aparecimento da literatura bissau-guineense enquanto um dos instrumentos ideológicos de denúncia e enfrentamento ao domínio colonial. Entre outros aspectos que merecem nossa atenção, serão pontuados os primeiros contatos dos portugueses em Bissau, o que foi a colonização, a organização da luta armada pela independência, o pós-independência, e, em última análise, a literatura guineense iniciada a partir das primeiras publicações do *Boletim Oficial da Guiné*, que nas palavras de Inocência Mata (1995), datam de 1880-1974. Publicações interessadas em retratar não as realidades e os anseios da população local, antes, ocupam-se em evidenciar a perspectiva colonial e evangelização da população guineense.

Ao considerarmos a história da região que atualmente corresponde à Guiné-Bissau, observa-se que aquele território pertenceu ao reino dos mandingas, um dos reinos africanos mais prósperos entre os séculos XIII e XIV, que constituíam o Império de Mali. Nas palavras de Augel (2007), o poder adquirido pelos mandingas sob a autoridade de Kankou Moussa, um dos últimos imperadores daquele império, iniciou uma invasão pelo interior do continente, submetendo diversos grupos, ao tempo que se deslocava para a costa, impondo seu poderio.

Quer dizer, a história de África e por consequência de Guiné-Bissau, nem de longe tem início com a invasão dos colonizadores. Como sinalizado por Adiele Eberechukuwu Afigbo (2010), as sociedades africanas são fruto “de séculos ou de milênios de evolução.”

Se as sociedades africanas são milenares como apontado por Afigbo (2010), os primeiros registros dos portugueses na Costa da Guiné remota ao século XV, por volta do ano 1446, quando Nuno Tristão, recém-chegado da costa senegalesa, institui “a província portuguesa da Guiné”, Augel (2007). Como as populações locais nunca estiveram inertes ao processo de invasão exógena do seu território, não faltaram diversas estratégias de resistência das autoridades e dirigentes africanos. Foram diversos confrontos entre africanos e portugueses, um deles, culminando com o assassinato daquele primeiro invasor, apesar de no início do século

XX os portugueses terem alcançado os quatro cantos do território guineense, tendo em conta que os “resistentes”, segundo Albert Adu Boahen (2010, p.166), demoraram a perceber que suas táticas de guerrilha eram inferiores à capacidade de fogo do inimigo.

Das experiências em que mulheres e “homens que tiveram de fazer frente ao colonialismo [...] em opor-se aos europeus e em defender sua soberania, sua religião e seu modo de vida tradicional” (AFIGBO, 2010), viu-se a construção de uma memória individual e coletiva entre os guineenses e a construção de suas liberdades político-sociais, dada às insatisfações generalizadas em todo o continente. Enquanto em território africano as insatisfações se ampliavam, alguns então jovens em Lisboa, da Casa dos Estudantes do Império – CEI, que sempre estiveram atentos às condições dos seus países, iniciaram um ato criativo de organização, entre eles o angolano Agostinho Neto, o moçambicano Eduardo Mondlane, e o guineense Amílcar Cabral.

Daqueles atos criativos, em Bissau, o lendário Amílcar Cabral constrói com outros cinco bissau-guineenses o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, o PAIGC, como um dos instrumentos de luta pela independência, como verificado por um documento do próprio partido, escrito em 1974, o qual Moema Parente Augel tivera acesso. Com a criação do partido, viu-se as primeiras ações da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, a PIDE, cometendo o primeiro massacre contra os trabalhadores, a destruição de instalações do PAIGC, favorecendo a amplificação do caos já existente e desencadeando a luta armada pela libertação, apesar do assassinato de Amílcar Cabral em Conacri por dois guineenses, sem que ainda hoje os mandatários daquele assassinato tenham sido conhecidos.

Outro dado histórico e político relevante a respeito da independência política e territorial de Guiné é o fato de ter sido aquele país o primeiro dentre as colônias portuguesas a conquistar a libertação, culminando nos anos seguintes com as independências das outras colônias portuguesas, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Angola e Cabo Verde. Apesar da independência ter sido uma conquista a ser comemorada, alçando a presidência um ex-combatente da luta anticolonial, Luís Cabral, não demorou muito tempo para que a população iniciasse as reivindicações por melhorias sociais, econômicas e políticas. As reivindicações da população, no entanto, se deveram ao fato de os independentistas, desde as campanhas de libertação, terem ventilado a ideia de que a emancipação política e territorial de Bissau possibilitaria a melhoria dos precários índices de desenvolvimento humano herdados do colonialismo.

As promessas da independência, no entanto, não passaram de utopias, não demorou muito até que o não tão “novo” governo eleito, apesar de ter prometido o estabelecimento de

uma “política rural condizente com os interesses e necessidades locais” (AUGEL, 2007, p. 63), ter iniciado a construção de algumas indústrias e, usando o discurso de “evocação do heroísmo dos combatentes pela liberdade da pátria” (AUGEL, 2007, p. 64), ter mantido as situações econômicas e sociais da população sem ou quase nenhuma mudança significativa. Como a condição das classes sociais manteve-se quase inalterado pós-independência, as insatisfações e desprestígio governamental contribuíram para o golpe militar, pondo fim aos vinte e três anos de governo do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, que à despeito de manter o discurso de representante da democracia revolucionária, governava o país sob um regime totalitário regado de corrupção, prepotência e nepotismo, culminando no que a poetisa Odete Semedo vai chamar de a guerra dos trezentos e trinta e três dias, em um dos poemas de *No fundo do canto*, objeto deste estudo.

São desses contextos que surgem novos modos das literaturas guineenses, fruto dos embates sociais, econômicos, políticos dos períodos coloniais, de lutas pela independência e pós-golpe militar de 1998-1999. Apesar de ser quase unânime a defesa de que as literaturas guineenses é um espaço vazio se comparada com as demais literaturas lusófonas, como vimos nas palavras de (AUGEL, 2007, p. 99), quando diz que o que há em relação a Guiné quer seja na historiografia, quer seja na literatura é a “pouca produção [...]”. Entretanto, nas palavras da estudiosa “Essa situação se está aos poucos modificando, embora esteja ainda longe de ser satisfatória.”. Estas análises dialogam ainda com os escritos de Rui Jorge Semedo (2012), quando afirma que o surgimento de uma literatura, a que ele vai chamar de genuína, se dá a partir da independência de Guiné- Bissau, em 1974.

No entanto, quando voltamos o nosso olhar para o que diz Inocência Mata (1995), sobre a literatura guineense, vimos que falar de “vazio” literário em Guiné não se pode deixar de considerar os fatores de ordem social, político e geográfico que ocorreram naquele país como a subordinação do território até os anos de 1970 à administração de Cabo Verde, as guerras de resistências, além do desinteresse da administração portuguesa em construir escolas nas *tabancas*, dificultando, e em grande medida, impedindo à população o acesso à escola.

À despeito daqueles argumentos, vimos desde os anos de 1880-1974 o surgimento e publicações do *Boletim Oficial da Guiné*, seguido do jornal *Ecos da Guiné-1920*, *A Voz da Guiné 1922* e *Pró-Guiné 1924*, escritos por portugueses residentes no país, tematizando as questões políticas, o retorno à terra natal e a glorificação do desenvolvimento colonial. Quer dizer, a escrita na Guiné-Bissau seguia apresentando os povos guineenses a partir do olhar do colonizador, ao que Manuel Ferreira (1980) vai chamar de os primeiros momentos das literaturas de língua portuguesa.

Passados os tempos inaugurais da literatura colonial em Guiné com a existência do primeiro boletim de 1880-1974, seguido pela publicação da revista *África* em 1979, publicada por Vasco Cabral, e já no quarto momento da literatura vimos os escritores das colônias portuguesas construindo suas independências em relação a literatura colonial, fato que se deve aos contextos de independência, já que grande parte das escritoras e escritores das colônias recém-independentes encontravam-se engajadas e engajados nas lutas de libertação, como sinalizado por Manuel Ferreira (1980, p. 43) “[...] os textos dos poetas integrados na guerrilha se confundem, [...] com os escritos após a independência nacional.”

3 ENTRE LÁGRIMAS E DORES: A GUERRA CIVIL DE 1998-1999 E A POÉTICA DA RESISTÊNCIA EM *NO FUNDO DO CANTO*

Apesar da literatura colonial estar destinada a “ficar arrumada no discurso da humilhação” (FERREIRA, 1980), negando ao universo do discurso poético as identidades do homem africano, Odete Semedo em *No fundo do canto* desde a sua primeira edição em 2003, irrompe com aquele discurso de “negação da personalidade do Outro” como sinalizado por Ferreira (ibidem) para falar da dor de si e do seu povo. Entretanto, analisar-se-á os contextos que contribuíram para a eclosão dos horrores do conflito de 1998-1999, as táticas de resistência da população e como sinalizado por Semedo (2007, p.16), “a responsabilidade de construção de um país que se deseja...que se ambiciona Novo.”

Entretanto, importa evidenciar de que foi Guiné-Bissau a primeira ex-colônia portuguesa a empreender os movimentos de resistências e libertação. Movimentos relacionados aos contextos, reiteramos, histórico, econômico, político, social e geográfico, como por exemplo, as demarcações arbitrárias das fronteiras, além da descrença no “modelo” de Estado instituído pelos independentistas. Quer dizer havia um sentimento coletivo de que aqueles contextos precisavam ser alterados para que a população guineense começasse a vivenciar os desejos e sonhos que os levaram a pegarem em armas e lutar pela libertação do jugo colonial, tendo como consequência a melhoria dos índices de desenvolvimento humano local.

Do que se viu foi “a velha concorrência entre Portugal e França” (AUGEL, 2007, p.66) favorecendo os acontecimentos que sucederiam alguns meses à frente. O governo guineense passa a pôr em cena algumas ações e acordos a partir de interesses políticos divergentes aos anseios da população como a renúncia do peso guineense para adotar o franco, o afastamento do chefe das forças armadas, o general Ansumane Mané, um dos que lutaram junto a Nino

Vieira nas lutas independentistas. Entre trocas de acusações entre o então presidente e o general das forças armadas de que ambos estavam comercializando armas na clandestinidade, instalou-se o que a meu ver a população não desejava, o golpe de Estado num país que havia conquistado a independência há vinte e quatro anos.

Aos sete dias do mês de junho de 1998 com a prisão decretada pelo presidente, Ansumane Mané reage a prisão e estrategicamente com os soldados aquartelados apropria-se de dois quartéis que possuíam um farto armazenamento bélico e de gêneros alimentícios, além de ocupar a base aérea do aeroporto de Bissalanca localizados na capital do país. O que se viu na manhã do dia seguinte, foram os confrontos e mortes de todos os lados provocando o êxodo da população para a *tabanca* do país.

Sobre o movimento da população em busca de refúgio daquele conflito, Semedo (2007) nos diz que mulheres, crianças, velhos e jovens se sentavam debaixo de uma grande árvore para descansar, ao tempo que aproveitavam para tomar a água que sobrara da viagem, e se alimentarem com o fruto do caju, momento em que não havia ninguém que ousasse quebrar o silêncio dos momentos de trégua dos tiroteios. Diz-nos a poetisa: “Havia momentos em que os tiros deixavam de se ouvir e ninguém entendia o porquê. Uns diziam que era a hora de limpar as bocas dos canhões, outros diziam que era a hora das refeições ou das preces”, são estas experiências que vão sendo poetizadas por Semedo em *No fundo do canto*.

Passado oito meses e treze dias do conflito armado, a condição social, econômica, política da Guiné que já era caótica, tornou-se agudizada. A população que há pouco tempo festejava a independência, encontrava-se desiludida frente a um governo autoritário que não conseguiu contribuir para a mitigação da miséria. O dado histórico deste período é que a “elite política e militar” (AUGEL, 2007, p. 70) estava desacreditada diante da população. Este contexto, apesar de devastador, reacendeu uma nova consciência do orgulho de ser africano do povo guineense, favorecendo uma reorganização das etnias de todo o país em torno da construção de um Estado nacional, culminando com novas eleições, pondo fim a hegemonia da figura de Nino Vieira e do PAIGC. Naquele pleito eleitoral de 28 de novembro de 1999, no entanto, treze partidos apresentaram candidatos, saindo vencedor daquela que foi a primeira eleição multipartidária, o povo, e em segundo, aquele que em alguma medida representaria as expectativas dos guineenses, o segundo presidente pós-independência, Koumba Yalá que, após quatro anos de governo, é destituído do cargo sob um novo golpe de Estado.

À despeito das heranças do colonialismo, das lutas políticas e armadas em GuinéBissau, os vários golpes de Estado ocorridos pós-independência devido à ausência de autogestão das autoridades regentes locais, a sociedade guineense tem recorrido à riqueza e à

multiculturalidade, intentando seu protagonismo no jogo geopolítico mundial como um Estado independente, no qual a literatura tem muito a contribuir. É nesse contexto que pretendemos, a partir das próximas linhas, analisar o poema “O prenúncio dos trezentos e trinta e três dias”, afim de evidenciar a partir dos ditos semedianos, como sugere Spivak (2014, p.16), “[...] a tarefa do intelectual pós-colonial que deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido (a).”

4 O PREDITO DOS TREZENTOS E TRINTA E TRÊS DIAS EM ODETE SEMEDO

No fundo do canto, é uma daquelas obras poéticas caracterizadas pela narração da nação. Narração daquilo que se viu e vivenciou tanto na individualidade quanto na coletividade ou, como já afirmava Augel (2007, p. 328), é um canto-poema na qual a autora “é testemunha e quer testemunhar” o caos instalado face à descrença da população frente à um governo totalitário que havia perdido as condições de governança da república recémemancipada. Ao longo dos setenta e dois poemas, em sua maioria curtos, Odete Semedo põe em cena a “História que ainda se está fazendo” (AUGEL, 2007, p. 329), além de plasmar o que ficará de legado, e indagação sobre o futuro do país. Apesar de nosso interesse está voltado à análise do conflito armado de 1998-1999, nesta obra, a autora enfatiza outros aspectos, entre eles, as tradições e a memória, o apego ao chão clânico, além dos elementos representativos das identidades guineense, como por exemplo, as cantigas de dito, e a *sarbaden* – dança tradicional mandinga.

Do diálogo entre os quatro segmentos que compõe o canto-poema, vimos a primeira parte de poemas Do Prelúdio, com vinte e três poemas, renunciando os horrores identificados pela população nas rodas de conversas tanto na capital, quanto nas *tabancas*. Ao continuarmos a leitura do poema-canto, somos interpelados pela segunda parte, A história dos trezentos e trinta e três dias e trinta e três horas, composto por quinze poemas, anunciando a *mufunesa* pressentida pela população, apesar de não querer acreditar, como profetizado por Semedo no verso “Quando tudo começou Bissau não quis acreditar”. No terceiro segmento da obra, entretanto, a *tcholonadur* apresenta-nos um dos aspectos identitários guineenses, diante do caos, pedindo *sakur* - socorro, e apegando-se as divindades, suplica-lhes que os proteja e os livre da *kastia de ospri* – desgraça e infortúnio, que se abatia sobre Bissau.

Enquanto no último dos segmentos, Os embrulhos, composto por vinte e seis poemas, a “anunciadora dos fatos reais e dos sentimentos do seu povo” (AUGEL, 2007, p. 330),

denuncia a ganância, os desacertos dos líderes regentes, além de constatar o resultado do caos, evidenciando o desejo e a força da população na esperança de que o país a partir da coletividade, poderia construir outro destino para si, e sair dos escombros do conflito armado.

Dos quatro segmentos, e dos setenta e dois poemas que compõe *No fundo do canto*, selecionamos para análise o poema “O prenúncio dos trezentos e trinta e três dias”, por dois aspectos: o primeiro diz respeito à natureza do presente trabalho e sua feição sucinta e, o segundo aspecto, é que, a nosso ver, o poema selecionado nos permite realizar a tarefa que nos propusemos realizar, proporcionando-nos dialogar com a ideia de uma literatura que está para reconfigurar e atualizar os lugares de discussão hegemônicos, cuja linguagem literária põe ao avesso a história e a narrativa coloniais sobre os modos de ser e estar dos povos africanos. Em nossas análises, pretendemos colocar em questão a partir dos versos semedanos as mazelas produzidas pelos coloniais, focalizando o conflito armado de 1998/1999 como um dos “legados” deixados pelos invasores à população guineense.

Desde seus primeiros versos e mobilizando a transposição de sentido das palavras, a escritora guineense recorre as gerações passadas e presentes para mencionar uma das características da identidade africana, a oralidade, que nas sociedades anteriores ao colonialismo era mobilizada para a transmissão das histórias e as estórias/feitos da nação, como no caso de fazer-se perpetuar os mitos fundadores enquanto um dos dispositivos de coesão em torno de um determinado evento histórico, político e/ou social. Abaixo, acompanhamos o referido poema de Odete Semedo em análise:

“O prenúncio dos trezentos e trinta e três dias”

Meninos velhos meninas e rapazes
homens e mulheres
todos ouviram falar da mufunesa que um dia teria de cair
nos ombros da gente
da pequena terra

Em histórias contadas
... no meio duma lenda entre uma passada e outra... alguém sempre se lembrava
de meter uma pitada de sal sobre a mufunesa
que haveria de apanhar aquela gente

Baloberus almanus e padres também haviam anunciado um pastor
sem temer o pavor de suas ovelhas predisse: uma foronta
um confronto vem a caminho

Mais que três dias não deve atingir tal confronto
se prolongar... só trinta e três dias depois teria o seu final
e será como um punhal todo o povo vai ferir
Caso passasse o predito período sem que o tormento amainasse
apenas trezentos e trinta e três dias trinta e três horas
separaria aquela gente da tal maldição

assim está escrito
no destino da nova Pátria
(SEMEDO, 2007, p. 24).

Do que se pode observar nos três primeiros versos deste poema, tem sido aquilo que vimos discutindo ao longo deste escrito: devido aos contextos históricos anteriores à colonização, as condições socioeconômicas e política do pós-independência, a voz poética como um *Tchintchor*, evidencia que havia na consciência coletiva em Guiné o prenúncio de que não demoraria, até que um *kasabi garandi*, uma grande infelicidade, dentro de alguns meses, se abateria sobre o país. Afinal, as ações dos independentistas frente ao “novo” Estado, não levaria a nação para outro destino, senão para os braços e mãos do caos, como uma espécie de *urdumunhu*, redemoinho, espalhando a população para todos os lados e para fora do país. Ao evidenciar, nos primeiros versos, o mau que se abateria sob seu país, a poeta, como uma mensageira, não quer estar como quem assiste a tudo, sem mediar o que está acontecendo, antes, como uma espécie de Baloberu, “convida-nos a tomar de nossa esteira, a assentar-nos, pois, a história não é curta”, como nos aponta Augel (2007, p. 190).

Se nos interessa a interpretação dos acontecimentos factual e estético da guerra evidenciado pela poetisa guineense, chama nossa atenção quando o poema canta do fundo da alma, o efervescer do que pressentia, como quem lança uma profecia, afirmando que “teria de cair”. Mas, cair o quê, ou quem? Cair o não tão novo “modelo” de Estado, ou a população que cairia nas balas dos canhões, lançadas a ermo em todo o país, provocando assassinato aos milhares e a desertificação das áreas habitadas, tanto da capital e da zona rural da recente república? Ao que nos parece, com aquelas afirmações, e que trouxemos aqui como indagações, Odete Semedo, está deixando rolar as lágrimas, e as feridas abertas pelo colonialismo ainda não curadas. A *tcholonadur* guineense, recorrendo a polissemia nos versos do poema e a voz poética, ao tempo em que chora, anuncia e denuncia como uma espécie de profeta dos *irans*, “as ações dos militares nacionais e estrangeiros” (AUGEL, 2007, p.), rasgando e deixando à mostra por meio da sua voz, como uma espécie de bisturi, a situação factual e estética, na qual o colonialismo e os dirigentes locais haviam deixado o seu pequeno país.

Consciente de que as “nações são comunidades construídas nas mentes e na memória coletiva das pessoas” como assinalado por (CASTELLS, 2002, p. 69, citado por AUGEL, 2007, p. 270), ou como asseverado por Augel (2007), de que a narração da nação tem uma relação estreita entre a história e a veneração aos antepassados, vimos desde o primeiro verso da segunda estrofe, o sujeito poético recorrendo a uma das tradições guineense, a contação das histórias e estórias, evidenciando que, à despeito da tradição, a insatisfação com o estado de

coisas, não estava esquecido nas histórias que eram contadas. Ao contrário, sempre havia alguém que fazia questão de lembrar de que o país estava na emergência de vivenciar “uma crise institucional sem precedentes” (AUGEL, 2007, p. 329), de que uma grande *mufunesa* desestabilizaria a autoestima e a identidade de crianças, jovens, mulheres, homens e anciãos, dado os horrores que se anunciavam.

Se *No fundo do canto*, é “um documento que se estabelece [...] como espaço onde a história dos vencidos continua se fazendo, lugar onde a memória é resguardada para exemplo e vergonha das gerações futuras”, como apontado por (DALCASTAGNÈ, 1996, p. 25, citado por AUGEL, 2007, p. 338). Nos versos que se segue, o sujeito poético, além de seguir renunciando aos quatro ventos, quais serão os flagelos da guerra, recorre ao reconhecimento e a valorização das identidades religiosa guineenses, como os ancestrais, curandeiros, como os *balobeiros* e *almamus*. A voz poética, ao compreender que há uma consciência coletiva em Guiné, para a qual os deuses e adivinhadores da sorte influenciam e acompanham o fazer cotidiano da população, menciona que até mesmo os “adivinhadores da sorte” (ibidem) e pastores, mesmo correndo o risco de que estariam sob a fúria dos seus seguidores, não deixaram de predizer, até mesmo nos espaços religiosos, a *mufunesa* que se abateria contra a população.

Na penúltima estrofe, vimos o anúncio do sujeito poético, mesmo tendo a certeza de que todos os sinais indicavam para uma catástrofe eminente, como se não quisesse acreditar, delimita o início e o término do horror que estava por abater toda a Guiné. Talvez acreditando que os dirigentes independentistas e militares, por terem vivido recentemente um conflito armado nas lutas independentistas da Independência, não estivessem dispostos ao prolongamento do caos e, em caso de prolongamento, não perduraria mais que trinta dias. No entanto, e como temos visto ao longo do cantopoema, melodiado no mais profundo da cólera e das lágrimas da voz poética, as previsões do não prolongamento não ocorreu, ao contrário, os interessados pelo conflito, há muito tempo, já não se atentava para as necessidades e clamores da população, estendendo aquela tragédia fratricida, por mais que trezentos dias como uma espécie de “punhal” ferindo a toda a gente que não encontrou refúgio do conflito armado, e das mazelas que se instalou, como mencionado por (AUGEL, 2007, p. 69) dos trezentos mil habitantes em Guiné, cerca de duzentos e setenta mil abandonaram suas moradias, fugindo do pânico instalado, deixando para trás, família, sua “gente querida”.

Nos últimos versos de “O prenúncio dos trezentos e trinta e três dias”, “o eu da narração” (ibidem, p. 344), sem saber ao certo a duração da tragédia, e ao que tudo indica, recorrendo a crença nas divindades religiosas, súplica aos *djambakus* que em se dando o caos, que não ultrapassassem os trezentos e trinta e três dias e trinta e três horas. Quer dizer, ocorrido

e passado os horrores daquele evento sociopolítico, a “pequena terra” insular, poderia recompor-se dos escombros, quando “aquela gente”, independentistas e militares, causadores do caos, fossem destituídos do “poder” por novas eleições, para que a população revivesse mais uma vez as esperanças e utopias de uma “nova Pátria”.

Em *No fundo do canto* e, em especial no poema “O prenúncio dos trezentos e trinta e três dias”, a poetisa guineense propõe-se a “trabalhar o fenômeno da guerra e suas consequências”, *propondo-se a escrever um documento poema para acolher à sua dor e a do seu povo*, apontando “um caminho para a superação das angústias e traumas de uma coletividade, [...] e um instrumento para a projeção” *das esperanças tanto individual e coletiva*, como apontado por (AUGEL, 2007, p. 198).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das cinco possessões portuguesas em território africano, Guiné-Bissau foi aquela excolônia que inaugura o processo de independência política e territorial, culminando nos anos seguintes, com a libertação de Cabo-Verde, Angola, Moçambique e São-Tomé e Príncipe. O protagonismo de Bissau, entretanto, legou à “pequena terra” (SEMEDO, 2007, p.24), instabilidades políticas, sucessivos golpes de estado e a (des)constituição de um EstadoNação.

Destes contextos, no entanto, evidenciamos ao longo deste trabalho, a importante contribuição da literatura semediana que não esteve confortável em anunciar aquilo que os primeiros expoentes da literatura guineense mobilizaram, como, por exemplo, o Fausto Duarte, que apesar de tematizar em *A revolta* (1945) a guineidade, seguiu dialogando em assimetria com o discurso do colonizador. O c antopoema da Odete Semedo, no entanto, além de denunciar e questionar as ideologias colonialistas, narra o avesso da história, a contranarrativa, que põe em questão as táticas dos colonizadores de apagamento, negação e silenciamento das identidades guineenses.

O presente estudo, no entanto, dividido em três seções. A primeira seção, intitulada “Literatura e Guiné-Bissau pós- independência”, dedicou-se a analisar os aspectos sóciohistóricos do pós-independência, o surgimento e desenvolvimento da literatura em GuinéBissau, enquanto um dos instrumentos de denúncia, o que nos ditos de Mata (2011, p. 11) “é a literatura, pela força da sua expressão, que vai configurar a ideia de uma nação guineense [...]”.

A segunda seção, “Entre lágrimas e dores: a guerra civil de 1998-1999, e a poética da resistência em *No fundo do canto*”, discutiu os contextos que favoreceram o conflito armado, as táticas de resistências locais, sendo uma delas, a esperança de que somente a unidade nacional em torno de uma nação livre seria capaz de enfrentar os invasores e, finalmente, terem sob seus destinos os rumos do país e a possibilidade de construção de uma outra nação. No terceiro momento, “O predito dos trezentos e trinta e três dias em Odete Semedo”, evidenciamos o canto poema como um dos instrumentos de narração da nação, situamos a obra, mapeamos, ainda que de maneira breve, a estrutura, as marcas e os temas presentes ao longo do documento histórico poético, ou poético histórico, como as identidades, as tradições e as memórias guineenses.

Tendo em conta os temas apresentados pela *tcholonadur*, selecionamos, um dos vinte e três poemas, apresentado no primeiro segmento da obra, “O prenúncio dos trezentos e trinta e três dias”, para analisar as suas cinco estrofes a partir das polifonias que o atravessam. A voz poética murmura, canta ou pranteia diante dos prenúncios, testemunha ocular que não se dedica em lamentar-se apenas diante da *mufunesa* que cairia sob o país. Ao contrário, como uma representante dos *irans*, capta o momento, e como se estivesse convocando a *mandjuandadi* para a construção das possibilidades de superação das angústias e traumas, caso o que se renunciava acontecesse, convida-nos a continuar plasmando as esperanças de um outro destino para a “nova Pátria”, como anunciado pela poetisa no último verso do poema analisado.

Referências

- AFIGBO, Adiele Eberechukuwu. **Repercussões sociais da dominação colonial: novas estruturas sociais**. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. ver. – Brasília: UNESCO, 2010. 1040 p.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007a.
- AUGEL, Moema Parente. **Cantopoema do dissassossego**. In: SEMEDO, Odete Costa. *No Fundo do Canto*. Belo Horizonte: Nandyala, 2007b. (p. 185-198).
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1996.
- BOAHEN, Adu Albert. **A África diante do desafio colonial**. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. ver. – Brasília: UNESCO, 2010. 1040 p.

CÁ, Ianes Augusto. **“No fundo do canto” reverberam os sons da violência: uma análise da poesia de Odete Semedo.** Revista Crátilo, 9(2): 01-08, dez. 2016.

DINIZ, Ana Maria Carneiro Almeida. **No fundo do canto: identidades em Odete Semedo.** 2021. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2021.

FERREIRA, Manuel. **Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa.** Revista do Centro de Estudos Portugueses, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 39-47, jun. 1980. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/4258>>. Acesso em: 21.11. 2021.

MATA, Inocência. **A literatura da Guiné-Bissau.** In: LARANJEIRA, Pires. Literaturas africanas de expressão portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MELO, L. C. A. de. **Entre versos de rima e dor: memória, identidade e resistência em No fundo do canto, de Odete Semedo.** SOCIOPOÉTICA, [S. l.], v. 2, n. 21, 2019. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/SOCIOPOETICA/article/view/128>. Acesso em: 30.10. 2021.

RIBEIRO, Calafate Margarida; SEMEDO, Odete Costa. **Apresentação: oscilando entre o canto e os escritos.** In: Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história. Lisboa: Edições Afrontamento, 2011.

SEMEDO, Odete Costa. **No fundo do canto.** Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

SEMEDO, Jorge Rui. **Uma radiografia do processo literário guineense.** Revista de Estudos AntiUtilitaristas e PosColoniais, vol. 2, nº 02, jul-dez. 2012. Disponível em: <https://periódicos.ufpe.br/revistas/realis/article/view/8767/8742>. Acesso em: 09.11.21.

SILVA, Monaliza Rios. **A Guiné-Bissau no fundo do canto: o tempo/espço pós-colonial de Odete Semedo.** Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2014.